



A CRISE DO HISTORICISMO COMO PROBLEMA DE CONSCIÊNCIA: UM DEBATE HISTORIOGRÁFICO INTERNACIONAL

Marcelo Durão Rodrigues da Cunha
Doutorando em História – UFES

Resumo: O presente artigo tem o objetivo de trazer à tona os principais debates historiográficos em torno da "Crise do Historicismo" presentes na historiografia internacional dos últimos anos. Entendido em grande medida como o fenômeno de relativização de preceitos filosóficos e valores universais ocorrido entre fins do oitocentos e início do século vinte na cultura europeia, a Crise tem sido retratada por distintas tradições de pensamento desde a sua primeira definição no trabalho *Die Krisis des Historismus* (1922) de Ernst Troeltsch. Ao tratar das principais interpretações trazidas nas últimas décadas por intelectuais alemães, norte-americanos e holandeses, o trabalho em questão visa a um melhor esclarecimento das possibilidades de entendimento da Crise do Historicismo como um importante problema historiográfico a ser considerado também pela cultura histórica brasileira.

Palavras-chave: Historicismo; Crise do Historicismo; Problema historiográfico; Narrativa.

Abstract: This work has the goal of dealing with the main debates surrounding the so-called "Crisis of Historicism" that have emerged in international historiography along the last years. Being many times understood as a philosophical and values relativization phenomenon that has occurred by the end of the nineteenth and beginning of the twentieth century in European culture, the Crisis has been the subject matter of many traditional thoughts since Ernst Troeltsch's first definition of the problem in *Die Krisis des Historismus* (1922). By dealing with the main interpretations that have been brought by German, American and Dutch intellectuals in the last years, the following work intends to clarify the many possibilities of understanding the Crisis of Historicism as an important historiographical problem which might be considered by Brazilian historical culture.

Keywords: Historicism; The Crisis of Historicism; Historiographical problem;

Introdução

É notório o interesse que a historiografia brasileira tem nutrido sobre o tópico do Historicismo nos últimos anos. O grande número de livros e artigos publicados, além da organização de dossiês e até a realização de eventos a respeito do tema demonstram um momento de ampla reflexão por parte da academia local em torno do objeto em tela.⁴⁸⁰

Quase sempre cientes do vasto leque de significados associados à noção, intelectuais brasileiros têm empregado com frequência cada vez maior o termo “Historicismo” tanto como conceito adjacente, quanto como objeto principal de suas investigações. Seja para identificar o fenômeno europeu de profissionalização da disciplina história⁴⁸¹, ou para compreender a maneira especificamente moderna de ordenar o tempo⁴⁸², o Historicismo tem figurado de forma corrente no vocabulário da historiografia nacional.

Recentemente, de igual maneira, nossa historiografia tem buscado compreender o fenômeno do Historicismo para além de tais significados tradicionais. Tanto no que tange a uma percepção das fronteiras da razão histórica, quanto no concernente aos problemas do moderno entendimento das categorias temporais humanas, a historiografia local tem trazido à tona um profícuo debate acerca dos limites e possibilidades extra-disciplinares do conhecimento histórico, buscando de certa forma pensar para “além do Historicismo”⁴⁸³.

⁴⁸⁰ Exemplos em tal sentido são os livros “A dinâmica do Historicismo” (2008) publicado por Flávia Varella, Helena Mollo, Sérgio da Mata e Valdeir Araújo ; “A História pensada” (2011) de Estevão Martins além dos dois volumes de “Lições de História” (2010 e 2013) organizados por Jurandir Malerba onde o Historicismo aparece praticamente como sinônimo da emergência da moderna profissão histórica na Europa. Exemplo de eventos sobre o tema foram o “2º Seminário Nacional de História da Historiografia: a dinâmica do historicismo” (2008) e o “7º Seminário Brasileiro de História da Historiografia - Teoria da História e História da Historiografia: Diálogos Brasil-Alemanha” (2013), ambos organizados pela UFOP na cidade de Mariana-MG. Por fim, o dossiê “Historiografia alemã: abordagens e desenvolvimentos” (2011) presente no sexto número da revista “História da Historiografia” também nos apresenta uma ampla discussão sobre o fenômeno do Historicismo.

⁴⁸¹ É o caso das obras de Malerba e Martins citados na nota anterior, além das visões de José Carlos Reis em “História & Teoria: Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade” (2003) e José D’Assunção Barros em “Teoria da História, volume II. Os primeiros paradigmas: Positivismo e Historicismo” (2011).

⁴⁸² Como, por exemplo, a utilização da noção de “Cronótopo historicista” do filósofo Hans Ulrich Gumbrecht realizada por Valdeir Araújo no artigo “Observando a observação: sobre a descoberta do clima histórico e a emergência do cronótopo historicista, c.1820” (2009).

⁴⁸³ Esse foi um dos temas principais abordados pelo “8º Seminário Brasileiro de História da Historiografia - Variedades do discurso histórico: possibilidades para além do texto” realizado pela UFOP em Mariana-MG no ano de 2014.

Em vista de tal movimento, cremos ser deveras oportuno descortinar algumas contribuições para o debate em tela, em especial, no que diz respeito aos referidos momentos de suplantação dos limites da história acadêmica. Acreditamos em tal sentido, que são justamente as épocas de maior contestação das bases do conhecimento sobre o passado que representam os maiores desafios e por conseguinte o maior florescimento de reflexões proíficas sobre o campo, seus limites e contingências. É portanto, possível concordar com Herman Paul, quando este afirma ser principalmente nas épocas de “crise”, isto é, de anomalias nos horizontes de expectativas de uma sociedade que a filosofia da história – aqui entendida como um “conjunto de gêneros” de reflexão sobre o tempo, a história e suas propostas - cresce em importância (PAUL, 2014, p. 73).

No caso do já mencionado fenômeno de paulatino interesse na temática e de concomitante tentativa de revisão e suplantação do Historicismo tradicional, a historiografia brasileira a nosso ver, necessitará refletir sobre os ditos momentos de crise e insegurança enfrentados pelo conhecimento histórico no passado e em tempos atuais. A presente crise de representação política, bem como as inseguranças trazidas pela crise financeira internacional, expõem a necessidade de historiadores e filósofos da história locais conjecturarem sobre as incongruências e limitações de narrativas históricas que parecem não mais serem capazes de produzir os efeitos de sentido e impactos coesivos de outrora. Em outras palavras, é preciso que a historiografia brasileira se debruce com maior afinco sobre a temática(s) “Crise(s)”.

Dito isso, parece-nos razoável que trilhemos um caminho que já vem sendo seguido por alguns intelectuais brasileiros e internacionais em tempos recentes, qual seja, o de analisar um dos momentos de maior inflexão no moderno pensamento histórico ocidental: a época da assim chamada “Crise do Historicismo”. O fenômeno, descrito de forma clássica pelo teólogo Ernst Troeltsch como o processo “de dissolução do Estado, da lei, da moral, da arte e da religião no fluxo do vir a ser histórico” (TROELTSCH, 1922, p. 573) ocorrido nas ciências da cultura ocidentais entre fins do século dezenove e início do vinte, tem sido abordado pela historiografia a partir de distintas perspectivas e propostas de problematização.

Cientes dessa ampla gama de interpretações, optamos por não estabelecer uma

definição fechada, de modo que uma breve exposição da historiografia recente sobre a “Crise do Historicismo” nos permita uma aproximação mais precisa do fenômeno e de seus desdobramentos para a consciência histórica ocidental. Outrossim, a definição dos contornos desta Crise a partir de uma análise crítica da literatura aqui apresentada possibilitará que enxerguemos os rumos tomados por nossa historiografia na compreensão dos vícios e virtudes da moderna disciplina histórica, permitindo do mesmo modo, um tipo de reflexão mais atual e em sintonia com demandas por buscas de sentido em nossa cultura historiográfica.

Em tal direção e apesar de estudos recentes indicarem o caráter internacional do fenômeno (PAUL, 2010, p. 169), é frequente que a literatura especializada aponte para um nível maior de recorrência do problema historicista nos territórios de língua alemã. Entendido por muitos como um momento de ruptura no campo das ciências da cultura, seria justamente no país onde a ciência histórica gozara de maior prestígio cultural que a Crise far-se-ia sentir de forma mais aguda.

Assim sendo, nos parece natural que os debates sobre a Crise tenham ocorrido nos últimos anos com maior frequência entre acadêmicos alemães, de modo que estes figurarão em maior número em nossa análise. De qualquer forma, não é possível ignorar a ampla quantidade de estudos sobre a “Crise do Historicismo” surgidos principalmente, mas não somente, entre historiadores e filósofos norte-americanos e holandeses, sobretudo, ao longo das duas últimas décadas. Por tal motivo, estes aparecerão logo na sequência de nossa análise. Por fim, considerando os debates apresentados, realizaremos um curto balanço sobre as discussões apresentadas, a fim de discutir as possibilidades de problematização do tema a partir de perspectivas que sejam profícuas à realidade local do ponto de vista historiográfico.

O debate na historiografia alemã

Costuma-se associar o ressurgimento do debate sobre o Historicismo e o problema de sua crise na historiografia alemã ao artigo publicado por Thomas Nipperdey em 1975, intitulado *HistorismusundHistorismuskritikheute*, o texto de Nipperdey trazia à tona mais uma vez a importância do Historicismo nos debates teóricos da ordem do dia na ciência histórica alemã daqueles anos. Na contramão do que era afirmado pelos representantes da assim chamada Ciência Social Histórica

(*historische Sozialwissenschaft*), que pautavam algumas de suas posições baseados em uma superação do Historicismo, Nipperdey apontava para a atualidade do fenômeno, demonstrando a relevância das reflexões teórico-metodológicas - surgidas especialmente no período de sua Crise – para se pensar o lugar da ciência histórica (NIPPERDEY, 1975). Em tom provocativo, além de conferir um tom positivo ao conceito, o intelectual reintroduzia o Historicismo como pauta nos debates teóricos entre os historiadores alemães.⁴⁸⁴

Os resultados da controvérsia encetada por Nipperdey naquela época teriam amplas consequências para o campo da teoria histórica alemã nas últimas décadas. Estas seriam sintetizadas pelo historiador teuto-americano Georg Iggers, que em artigo para o periódico *Journal of the history of ideas* de 1995, apontava para a importância das *Historikerstreiten* envolvendo o Historicismo e sua Crise nos trabalhos de língua alemã desde os anos setenta. O quadro de discussões apresentado por Iggers, parece-nos um tanto adequado para o objetivo que se pretende nesta etapa do presente trabalho, qual seja, o de mapear as principais posições a respeito da Crise do Historicismo na historiografia alemã das últimas décadas.⁴⁸⁵

Iggers, baseando-se em uma definição trazida por Otto Gerhard Oexle, apresenta-nos inicialmente duas tendências gerais de compreensão do Historicismo na historiografia germânica àquela época⁴⁸⁶: primeiramente, o Historicismo I, que se basearia, sobretudo, no interesse sobre o Historicismo enquanto “Crise”. Essa percepção teria por interesse o entendimento do fenômeno de paulatina

⁴⁸⁴ Posição semelhante seria defendida anos mais tarde por Ulrich Muhlack. Cf. MUHLACK, Ulrich. *Geschichtswissenschaft im Humanismus und in der Aufklärung*. Beck, 1991.

⁴⁸⁵ No espaço que nos cabe no presente artigo uma discussão mais ampla e minuciosa sobre o *Historismusstreit* na historiografia alemã recente não pôde ser melhor explorada. Por tal motivo, e pela posição do autor como destacado intérprete internacional dos diálogos, optamos por nos limitar aos atores destacados por Iggers. De todo modo, uma abordagem mais ampla e variada sobre o Historicismo enquanto problema historiográfico pode ser encontrada no livro *Geschichtswissenschaft im Zeichen des Historismus* (1996) de Gerhard Oexle. O mesmo autor também nos traz uma abordagem atualizada do debate em língua alemã na obra *Krisis des Historismus - Krise der Wirklichkeit* (2007). Uma boa síntese em língua portuguesa também é feita no artigo *O problema do historicismo e as ciências do espírito no século XX* (2011) de Gunther Scholtz.

⁴⁸⁶ O critério definidor utilizado por Iggers neste caso baseia-se a nosso ver em uma questão de ênfase de conteúdo, já que tanto os autores circunscritos ao Historicismo I, quanto aqueles associados ao Historicismo II não invalidam suas perspectivas mutuamente. Em outros termos, aqueles que dão maior enfoque para o Historicismo enquanto crise, não negam o fato do Historicismo ter representado o fenômeno de constituição da moderna disciplina acadêmica. O próprio Iggers reconhece esse detalhe em sua classificação, de modo que na sequência de sua análise trata de expor as diferenças de todas as abordagens sob o amplo prisma do Historicismo II.

relativização do saber e da realidade ocorrida entre o fim do oitocentos e início do século vinte, quando um problema de ordem existencial passara a pairar sobre a vida intelectual europeia. Vários trabalhos escritos nas décadas de 1980 e 1990, como os de Annette Wittkau, e uma série de artigos de Otto Gerhard Oexle e Wolfgang Hardtwig lidaram com o Historicismo nessa perspectiva (IGGERS, 1995, p. 137).

Em segundo lugar, o Historicismo II, que diria respeito a um grupo de autores que compreende o Historicismo principalmente como o fenômeno do surgimento da História como disciplina acadêmica científica. Em tal perspectiva, o historicismo seria entendido como um “paradigma” – ou “matriz disciplinar” –, como o processo de institucionalização e reflexão metodológica que propiciou o estabelecimento da história enquanto saber científico na modernidade ocidental. Os nomes mais proeminentes a tratar do Historicismo sob esse prisma seriam, segundo Iggers, Jörn Rüsen, Horst-Walter Blanke, Friedrich Jaeger, Dirk Fleischer e Hans-Jürgen Pandel (IGGERS, 1995, p. 138).

Em termos gerais, podemos concordar com Iggers quanto ao fato de que boa parte da historiografia alemã recente entende o Historicismo como o fenômeno de constituição do saber histórico enquanto disciplina acadêmica no século dezenove. Entretanto, ainda nos baseando na definição inicial trazida pelo autor, é possível distinguir a partir dos níveis de interesse de tais historiadores o significado e a apreciação específica que estes realizam sobre a Crise do Historicismo.

Nas análises de Rüsen e Jäger, por exemplo, a crise aparece como um momento de contestação das bases racionais do saber histórico, mas não é capaz, contudo, de abalar os fundamentos científicos deste conhecimento. Para os autores, “a ciência histórica tomou a crise do historicismo como um estímulo ao desenvolvimento subsequente da sua noção de ciência” (RÜSEN; JÄGER, 1992, p. 192).

Ao tratarem da Crise, Rüsen e Jäger falam em tentativas de superação do Historicismo, citando os exemplos das críticas de Otto Hintze e Eckart Kehr e na exposição que esses intelectuais realizaram dos limites heurísticos, teóricos e metodológicos da tradição historicista. Todavia, os autores tratam das contribuições histórico-teóricas de Wilhelm Dilthey, Heinrich Rickert e Max Weber como reinícios

(*Neuanfänge*) onde a capacidade de renovação (*Erneuerungsfähigkeit*) do Historicismo teria sido exposta (RÜSEN; JÄGER, 1992, p. 140). Portanto, em outros termos, para os historiadores a experiência de crise e a história do Historicismo podem auxiliar-nos a esclarecer as fraquezas na racionalidade da ciência histórica, estimulando nesse sentido a sua pretensão de cientificidade.

Horst Walter Blanke argumenta, em um sentido próximo aos de Rüsen e Jäger, que a ampla crise vivida pela ciência histórica a partir principalmente do *Lamprechtstreit*⁴⁸⁷ representou não uma ruptura fundamental no interior da escrita histórica germânica, mas uma mudança paradigmática (*Paradigmenwechsels*) e a revisão dos preceitos básicos da visão de mundo dos historiadores prussianos da segunda metade do século dezenove. Para Blanke a época teria sido de uma "revisão da imagem histórica estatista dos historiadores borussistas, bem como a alteração sistemática dos objetos que até o momento possuíam uma posição secundária face à história política defendida pela maioria dos historiadores alemães" (BLANKE, 1984, p. 294-295).

Em suma, a Crise do Historicismo aparece nas narrativas de Rüsen, Jäger e Blanke como um momento de prova para a matriz disciplinar histórica que, todavia, não é capaz de abalar as pretensões de racionalidade de um conhecimento histórico cientificamente embasado. Portanto, para esse grupo, a Crise possui caráter acessório, servindo como pano de fundo para a subsequente consolidação e aperfeiçoamento da moderna ciência histórica no século vinte.

Em uma outra direção, autores como Wittkau, Oexle e o próprio Iggers, tendem a enxergar o problema a partir de outra perspectiva. Wittkau, por exemplo, vê a crise do Historicismo como um momento de profunda reflexão sobre as consequências do processo de historicização do pensamento vivido pelas ciências da cultura europeias. Para a autora, o problema da relativização dos valores e o balanço acerca dos prejuízos que o excesso de história traria à vida humana teriam consequências positivas na arena dos debates surgidos no início do século vinte.

⁴⁸⁷Conhecida contenda historiográfica vivida pelos historiadores alemães na década de 1890 após a publicação do livro *Deutsche Geschichte*(1891) do intelectual saxão Karl Lamprecht (1856-1915) que a partir da sua proposta por uma história cultural, desafiava o modelo de escrita histórica existente na acadêmica germânica do momento.

Assim, para Wittkau, o cenário de crise faria emergir propostas afirmativas para a noção de ciência histórica – como a separação entre conhecimento científico e vida prática trazida por Max Weber – que teriam se esvaído após um “desenvolvimento errôneo” (*Fehlentwicklung*) das ciência histórica alemã em um terreno alheio às discussões encetadas pela Crise (WITTKAU, 1994, p. 196).

Em termos bastante similares, Oexle enxerga na Crise do Historicismo, um momento de profunda reflexão sobre as contradições e especificidades do pensamento científico e da própria modernidade. Entendendo o fenômeno como uma verdadeira “Crise da realidade”, Oexle acredita que apesar da tentativa de esquecimento do problema (ocorrida após 1933), os temas debatidos à época da Crise (relativização de valores, objetividade na produção do conhecimento, relação entre vida e ciência e etc.) necessitam ser constantemente reatualizados e trabalhados pela ciência histórica enquanto pesquisa fundada em bases racionais (OEXLE, 2007, p. 115).

Em suma, em *KrisedesHistorismus – Krise der Wirklichkeit* (2007), Oexle realiza um apanhado interdisciplinar dos impactos da Crise do Historicismo que teriam validade para se pensar problemas históricos da ordem do dia. Na obra, o autor deixa claro o seu olhar sobre a Crise como ponto de partida central para se refletir sobre a reabilitação da disciplina histórica alemã no cenário cultural de inícios do século vinte.

Iggers, por sua vez, entende a Crise do Historicismo como um momento na história do pensamento das ciências da cultura em que o caráter irracional como constituinte da natureza humana fora revelado. A contestação de respostas últimas no campo da filosofia especulativa, bem como a refutação da noção de progresso na história, abriam espaço para a emergência de uma discussão em torno da própria fundamentação racional do conhecimento histórico (IGGERS, 1983, p. 173).

A posição defendida por Iggers, além de aproximar-se do que é dito por Wittkau e Oexle, também o põe em sintonia com a avaliação de Wolfgang Hadtwig que apesar de entender o Historicismo oitocentista como uma *Geschichtsreligion* (Religião da história) também enxerga a Crise como um momento de abalo positivo dessa crença e início de uma nova reformulação das bases racionais do conhecimento histórico (HARDTWIG, 1991, p. 8).

Para este segundo grupo de intelectuais, a Crise do Historicismo figura como elemento central na compreensão da constituição do moderno conhecimento histórico. Por acreditarem que a época em torno de fins do século dezenove e início do vinte representou um momento de profunda crítica no campo das ciências da cultura, quando a fragilidade da noção histórica oitocentista deu lugar a um tipo mais maduro de reflexão sobre a realidade, Oexle, Wittkau, Hardtwig e Iggers conferem centralidade e protagonismo à Crise do Historicismo em suas análises.

Desse modo, a literatura dos últimos quarenta anos que lidou com o Historicismo como uma ciência histórica (*Geschichtswissenschaft*) com a sua emergência no século dezenove alemão como disciplina profissional e com a Crise do Historicismo como fenômeno, tomou três direções diferentes no cenário intelectual alemão. Uma (Muhlack, Nipperdey) sustenta que o historicismo assim concebido continua a ser um modelo válido de pesquisa, entendendo a Crise como algo de importânciasecundária; uma segunda (Rüsen, Blanke, Jäger) reconhece as contribuições do historicismo à moderna ciência histórica, mas também reconhece seus limites, enxergando a Crise do Historicismo como um desafio superado pela base racional da matriz disciplinar histórica; uma terceira (Hardtwig, Oexle, Wittkau, Iggers) prova as pressuposições extra-científicas, políticas e filosóficas (até mesmo, teológicas) que comprometiam o discurso científico dos historiadores profissionais, entendendo a Crise como central para a formação de uma ciência histórica renovada e com compromisso de entendimento crítico da realidade (*Wirklichkeitswissenschaft*).

De forma bastante concisa, contudo, poderíamos sustentar que alguns pontos unem essas três percepções principais quanto à Crise do Historicismo enquanto fenômeno. Primeiramente, todos os intelectuais acima citados enxergam a Crise como um problema temporal e geograficamente localizado, ou seja, um fenômeno ocorrido no interior das ciências culturais europeias – ou simplesmente alemãs - em torno do fim do século dezenove e início do vinte. Em segundo lugar, é unânime entre eles afirmar que a Crise teria abalado – ou contribuído para fortalecer - uma noção de realidade enquanto objeto de pesquisa histórico, ou seja, a tese de que a Crise ameaçaria ou reforçaria uma disciplina pautada em uma realidade empírica acessível através de métodos e conceitos racionalmente fundamentados. Terceiro, a realização de abordagens que tratam dos impactos da Crise entre intelectuais ou

apenas para um grupo restrito da *Bildungsbürgertum* alemã. E por fim, a noção de que a Crise do Historicismo – e as soluções para ela propostas – deve estar circunscrita a determinadas fronteiras disciplinares, tanto à História acadêmica, quanto a outras disciplinas no campo das ciências da cultura.

Os *Historismus-streiten* alemães se encontram em grande medida associados às definições dos limites da disciplina histórica enquanto matriz disciplinar e ciência da realidade após décadas de embates a respeito do lugar do Historicismo em tal contexto. Portanto, grande parte dessas posições – com a sua tendência a definir de forma precisa os contornos da Crise - possui uma justificativa no interior do próprio significado que a disciplina história possuiu entre os alemães ao longo do século vinte.

Esse tipo de percepção teria grande influência sobre a forma de enxergar o Historicismo entre intelectuais das mais distintas vertentes e tradições na academia internacional. Entretanto, como revelado no debate entre Iggers e Frank Ankersmit⁴⁸⁸, algumas divergências fundamentais a respeito de interpretações sobre o Historicismo e a Crise do Historicismo começaram a surgir com maior intensidade em meados dos anos 1990. Essas continuidades e rupturas em relação ao debate germânico na historiografia norte-americana e europeia serão abordadas nas páginas seguintes.

O debate norte-americano

O problema do Historicismo, e mais especificamente, da Crise do Historicismo, emergiu enquanto problemática de pesquisa no cenário intelectual anglo-saxão na segunda metade do século vinte, principalmente a partir das contribuições – e traduções – realizadas por judeus alemães emigrados para os Estados Unidos, como Georg Iggers e Fritz Stern.

⁴⁸⁸Após a publicação do artigo *Historicism: an attempt at synthesis* de Frank Ankersmit na edição de 1995 da revista *History and Theory* (cuja interpretação sobre o Historicismo explicamos abaixo), Iggers apresentava suas divergências de ordem teórica e historiográfica em relação à ideia de Historicismo apresentada pelo autor holandês. Em suma, Iggers discorda da ênfase de Ankersmit no Historicismo enquanto fenômeno de percepção dos constituintes linguísticos da apreensão do passado, apostando, ao contrário, no caráter da ciência histórica enquanto disciplina preocupada com a realidade extra-discursiva. Nas palavras de Iggers "toda visão do passado é obviamente um constructo da linguagem se utilizando de metáforas, mas não um constructo arbitrário. Em última análise eu concordo com (Max) Weber que a história é uma *Wirklichkeitswissenschaft*, mas que a realidade é difícil de ser acessada e requer complexas estratégias metodológicas" (IGGERS, 1995, p.167).

Entretanto, salvo exceções – como o nome de Allan Megill, por exemplo – os últimos debates em torno do problema do Historicismo em língua inglesa ocorreram principalmente no campo da filosofia. Destacamos aqui – principalmente por se tratarem de trabalhos que lidam diretamente com a temática da “Crise” – as contribuições de Charles Bambach e de Megill e mais recentemente dos trabalhos de Frederick Beiser.

Bambach, no livro *Heidegger, Dilthey, and the Crisis of Historicism* (1995) realiza sua análise considerando os amplos contextos da "crise de legitimação" da filosofia na segunda metade do século dezanove e da crise cultural do mandarinato alemão pós-1890. O autor também evoca a noção de crise que aparece em recentes discussões do modernismo e do pós-modernismo. Mas certamente, a principal inovação de Bambach está em sua inclusão do nome do filósofo Martin Heidegger entre as suas referências para debater a Crise. Ao entender a história como algo com significado ontológico ou existencial, Heidegger partia, segundo Bambach, radicalmente do terreno da discussão da Crise do Historicismo (BAMBACH, 1995, p. 2).

Ao contrário de Iggers, que enxerga a Crise como tendo “marcando o fim da filosofia tradicional” quando soluções para problemas últimos passaram a ser negadas, Bambach percebe o problema em outros termos: ele tende a observar uma crise intelectual no interior da filosofia, que posteriormente se instaurou, ou de qualquer forma antecipou desenvolvimentos, em domínios amplos da alta cultura. Em outras palavras, Bambach está preocupado em analisar a Crise a partir do significado que ela possuiu para a perda de prestígio da disciplina filosófica em fins do século dezanove.

A crítica às posições de Bambach aparece de forma bastante contundente em uma resenha publicada pelo historiador Allan Megill, onde este afirma que o que realmente falta na abordagem de Bambach - e da de Iggers previamente - é o reconhecimento da extensão à qual a crise do historicismo possuía suas raízes na teologia e na religião, não na historiografia ou na filosofia (MEGILL, 1997, p. 427).

Para Megill, as conceituações de Bambach e Iggers prestam atenção a conexões reais no passado e jogam luz sobre questões teóricas reais, mas nenhuma das definições deixa suficientemente claro, por que, exatamente, houve uma "Crise" do

historicismo. Megill portanto, visa preencher essa lacuna ao destacar, sobretudo, as origens teológicas da Crise, apontando para os debates entre teólogos alemães de início do século dezenove sobre o caráter histórico da Bíblia e da vida de Cristo.

Em suma, para o autor, a Crise do Historicismo surgiu não simplesmente de um "auto-exame de consciência" ou de uma crise científica filosófica, mas mais precisamente como uma resposta, inicialmente no interior da esfera da crença religiosa, ao desafio imposto pela *Wissenschaft*, que ao longo do curso do século dezenove se tornou menos compatível do que havia estado para as demandas da fé (MEGILL, 1997, p. 428).

Uma contribuição mais recente para o campo dos debates anglo-saxões surgiu com a publicação dos trabalhos do filósofo Frederick Beiser. Sobretudo na obra *The GermanHistoricistTradition*(2011), Beiser trata de forma bastante ampla da noção de Historicismo como entendida, sobretudo, pela literatura de língua alemã. Muito preocupado em traduzir debates e em apresentar autores germânicos desconhecidos pelo público anglófilo, Beiser deixa a desejar no que diz respeito a um debate mais atualizado sobre a importância dos problemas suscitados pelo Historicismo.

Quanto à sua percepção sobre a "Crise do Historicismo", o filósofo nos traz uma interpretação onde a própria existência do fenômeno é relativizada. Por um de seus entendimentos da noção de Historicismo como "projeto pelo reconhecimento da história enquanto saber científico" (BEISER, 2011, p. 25), Beiser chega até mesmo a contestar a existência de uma crise, apontando em contrapartida para o sucesso do estabelecimento de uma visão histórica de mundo na sociedade ocidental contra quaisquer abalos sistêmicos causados pelo pensamento relativista de inícios do século vinte. Nas palavras do autor, na perspectiva do seu sucesso institucional, o historicismo não representou algo falho, mas um sim um sucesso absoluto "continuando a exercer uma influência enorme e continuando a viver em todos nós" (BEISER, 2011, p. 25).

Portanto, como revelado na análise dos trabalhos em questão, percebe-se que apesar de pautados em interesses e propostas particulares, o debate norteamericano ainda possui forte influência das discussões em língua alemã, sobretudo

no que diz respeito a um olhar centrado nos constituintes científicos, disciplinares e institucionais do problema historicista. Bambach, apesar de explorar a questão em termos bastante originais ao incluir a radicalidade da proposta de Heidegger e as origens do problema pós-moderno em sua análise, não consegue escapar de uma visão sobre a disciplina filosófica que acaba por restringir a sua abordagem em tal sentido. Megill, por sua vez, amplia a discussão para o âmbito da teologia e com isso aproxima-se bastante de algo já realizado por autores como Wolfgang Hardtwig com a noção de *Geschichtsreligion*. Beiser, por fim, parece também encerrar seus interesses sobre a Crise no limite do êxito institucional da *Weltanschauung* historicista, sem problematizar para além das fronteiras disciplinares do conhecimento histórico. Um distanciamento maior da interpretação germânica sobre o tema surgiria nos últimos anos a partir do círculo neerlandês em torno da figura de Frank Ankersmit.

O debate holandês

Paralelamente às discussões alemãs e anglo-saxãs, podemos observar nas duas últimas décadas o crescimento cada vez maior do interesse de intelectuais holandeses pela temática do Historicismo e de sua Crise. Nomes como Frank Ankersmit, Hermann Paul e Reinbert Krol têm buscado pensar o fenômeno em tela a partir de um novo viés e de uma nova interpretação que, ao contrário de boa parte dos representantes dos debates acima citados, propõe entender o problema sem limites disciplinares, temporais, institucionais ou mesmo geográficos específicos.

Frank Ankersmit, por exemplo, entende o Historicismo nos termos de Maurice Mandelbaum, como “a crença de que uma compreensão adequada da natureza de qualquer fenômeno e um acesso adequado ao seu valor podem ser obtidos se considerado em termos do lugar que ocupou e o papel que teve no interior de um processo de desenvolvimento” (MANDELBAUM *apud* ANKERSMIT, 1995, p. 143). Isso possibilita que o autor contribua para o debate sobre a gênese do Historicismo, ao mesmo tempo em que identifica os constituintes da visão de mundo historicista presentes também em debates contemporâneos.

Ankersmit nota que ao deterem o olhar sobre a mudança, e não mais sobre a substância (como a historiografia Iluminista fizera), os Historicistas inauguraram um

tipo de perspectiva diacrônica de mundo que se sustentava a partir de uma operação conceitual básica, capaz de prover sentido ao diacrônico e tornar coerentes as diferentes fases da evolução histórica. Apesar de não analisar se os Historicistas estavam ou não cientes do inconveniente dialético de seu pensamento - não tratando especificamente portanto do tema da "Crise" -, Ankersmit se debruça sobre o que denomina como o conceito mais frutífero já desenvolvido na história da teoria da história, qual seja, a noção de "Ideia histórica" (ANKERSMIT, 1995, p. 154).

A "Ideia Histórica" como desenvolvida por Humboldt e Ranke era a operação epistemológica básica que permitia ao historiador fornecer coerência à história considerando a importância de sua subjetividade no processo de recuperação do passado. A noção torna o Historicismo, segundo Ankersmit, tanto revolucionário quanto reacionário. Revolucionário por ter dado um passo para além do substancialismo iluminista, enxergando a mudança como passível de observação; e reacionário por ter estabelecido importância excessiva ao *res gestae* do passado, eliminando os elementos estéticos e retóricos da historiografia iluminista em nome do rigor e precisão científicos característicos da moderna ciência histórica.

Esse tipo de olhar é o que permite a Ankersmit estabelecer os elementos que unem o Historicismo ao Narrativismo do século vinte, como, por exemplo, a observação metafórica da realidade (com a utilização de objetos que fazem referências mútuas). O Narrativismo, como uma teoria histórica da substância narrativa é para Ankersmit um Historicismo livre de todas as suas referências metafísicas e dos últimos remanescentes do substancialismo iluminista que historiadores como Humboldt e Ranke ainda possuíam em sua noção de ideia histórica (ANKERSMIT, 1995, p. 154).

Para Ankersmit, a historiografia atual precisa repensar as implicações da noção historicista de mudança a incrementando quando isso se mostrar necessário do ponto de vista da filosofia contemporânea. Como como argumentado em sua obra *Narrative Logic* (1981), fazer isso envolveria remover a ideia histórica do domínio da realidade histórica em si, a situando no texto histórico. Em suma, Ankersmit propõe identificar aquilo que ainda era reacionário e metafísico no historicismo de modo agora a ser reconhecido como sendo parte da linguagem do historiador. O que não deveria ser feito, no entanto, em sua opinião seria abandonar a noção de Ideia Histórica simplesmente pela pouca ou insuficiente justificativa teórica que os

historicistas deram para ela. Uma noção da Ideia Histórica modernizada, segundo Ankersmit, é o primeiro e indispensável instrumento lógico para a compreensão da escrita da história.

A posição do historiador holandês é ainda melhor definida em sua tréplica às críticas feitas por Iggers à sua noção de Historicismo. Contra a opinião de Iggers – que o acusava de utilizar o Historicismo para poetizar a História em excesso –, Ankersmit argumenta a favor de sua posição anterior em torno da importância do Historicismo e de sua noção de “Ideia histórica” no processo de revelação dos mecanismos miméticos e imaginativos da tradição historicista. Em outras palavras, é justamente aquilo que Iggers aponta como falho, que Ankersmit enxerga como profícuo e vantajoso no Historicismo.

O interesse de Ankersmit pelo Historicismo e a sua atualização do assunto considerando debates teóricos da ordem do dia, inauguraria uma considerável expansão do tema entre historiadores holandeses, de modo que outros intelectuais mais jovens como, por exemplo, Herman Paul se debruçariam sobre o tópico e mais especificamente sobre uma nova conceituação da ideia de Crise do Historicismo.

Paul inicia sua reconceitualização ao afirmar que por criar narrativas munidas de noções de progresso e providência a historiografia do tipo “clássico” de historicismo do século dezanove não teria causado a Crise, mas sim, sido vítima da impossibilidade de justificativa lógica de tais narrativas - característica principal da Crise, nos termos de Paul. Em outras palavras, o autor classifica a Crise do Historicismo como um “colapso na crença” na possibilidade de se justificar narrativas baseadas nas noções de progresso e providência (PAUL, 2008, p. 67).

O historiador acrescenta ainda que apesar de ter vivido o seu clímax no período do entre-guerras, a Crise do Historicismo foi (e ainda é) experienciada em muitos outros tempos e lugares. Apresentando um elemento de não-simultaneidade (*Ungleichzeitigkeit*), a Crise representaria o conflito entre uma crescente consciência histórica e o desejo de ir além do individual e do particular para atingir o absoluto ou universal. O abandono da busca por universais ou a negação de que a mudança histórica possua qualquer efeito significativo sobre os valores humanos eliminaria a Crise. A Crise do Historicismo é portanto, nos termos de Paul, um problema

itinerante, ou um desafio que é enfrentado por muitos grupos em diferentes tempos e lugares (PAUL, 2009, p. 57). Além disso, o historiador se esforça no sentido de entender os impactos da Crise para além dos círculos acadêmicos, como um fenômeno de ampla repercussão social.

Essa reconceituação da Crise é o que permite a Paul expandir o entendimento do conceito de modo que uma ampla gama de possibilidades de entendimento do fenômeno de um maior número “Crises do Historicismo” possa ser aberta. A compreensão do problema como um “colapso da crença” é o que permite ao autor analisar, por exemplo, os impactos de uma Crise do Historicismo no pensamento de Hayden White (PAUL, 2009), ou os efeitos da mesma sobre um grupo de trabalhadores fabris holandeses no início do século vinte (PAUL, 2010).

Finalmente, dando continuidade à linha de pensamento inaugurada por Ankersmit e Paul, Reinbert Krol, em sua tese sobre o tipo de Historicismo presente na obra de Friedrich Meinecke aponta para os elementos existentes no pensamento do historiador que o autorizavam a uma superação do relativismo cultural e da Crise do Historicismo. Krol tenta compreender os fundamentos de um tipo de filosofia da história panenteísta que permitia ao autor sobrelevar a ameaça relativista da Crise do Historicismo. Entendido no contexto mais amplo de sua produção, o trabalho de Krol representa um tipo de desenvolvimento ulterior da concepção de Ankersmit sobre a experiência histórica (sublime), sobretudo, se observarmos que o autor busca na reapropriação da visão de mundo goethiana feita por Meinecke, os elementos que o permitiriam pensar para “além do Historicismo”.

Em um outro sentido, os estudos de Krol sobre a relação entre Meinecke e a Crise podem representar um tipo de abordagem que tende a observar nos elementos linguísticos constituintes de determinada filosofia da história as estratégias extra ou supra-históricas de superação da própria *Weltanschauung* historicista com as suas noções de contexto e historicidade, buscando em tal sentido um tipo de perspectiva que possa transcender os limites da cultura e consciência histórica tradicionais em um olhar aberto a novas possibilidades de relação com o passado.

Deste modo, podemos inferir a partir de uma análise da problematização da Crise do Historicismo proposta pelo grupo de historiadores holandeses em questão, que os

mesmos contribuíram para uma expansão do debate, trazendo elementos teóricos capazes não apenas de alargar o entendimento do problema historicista, como também de produzir resultados mais satisfatórios quanto ao entendimento da Crise do Historicismo como um problema cultural latente. Assim, a proposta de Ankersmit, pelo entendimento do Historicismo como um fenômeno de tomada de consciência das noções de contexto, fluidez e historicidade em um processo linguístico subjetivo, se complementa pela ideia de Paul sobre o caráter plural e itinerante da “Crise do Historicismo”, entendida como um colapso da crença em narrativas redentoras e formadoras de identidades culturais. Por fim, a análise de Krol sobre os elementos de uma filosofia da história desejosos de uma superação do Historicismo, representa o atual nível dos debates entre os historiadores holandeses, que é justamente o de debater o problema do Historicismo de modo a não circunscrever a discussão aos limites de fronteiras disciplinares, temporais ou geográficas pré-estabelecidos.

Referências bibliográficas

ANKERSMIT, Frank R. **Narrative logic: a semantic analysis of the historian's language**. Groningen, 1981.

ANKERSMIT, Frank R. Historicism: an attempt at synthesis. **History and Theory**, p. 143-161, 1995.

ANKERSMIT, Frank R. Reply to Professor Iggers. **History and Theory**, p. 168-173, 1995.

ARAUJO, Valdeci Lopes. Observando a observação: sobre a descoberta do clima histórico e a emergência do cronótopo historicista, c.1820. In.: CARVALHO, J.M. & CAMPOS, A.P. **Perspectivas da Cidadania no Brasil Império**. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2009.

BAMBACH, Charles R. **Heidegger, Dilthey, and the crisis of historicism**. Cornell University Press, 1995.

BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História**, volume II. Os primeiros paradigmas: Positivismo e Historicismo. 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

BEISER, Frederick C. **The German historicist tradition**. Oxford University Press, 2011.

BLANKE, Horst Walter. Diskursgrenzendes Historismus. Die wissenschaftshistorischen Schriften Lamprechts und Breysigs unter neuer Paradigmenw echselder Historie. In: BLANKE, Horst Walter; RÜSEN, Jörn. **Von der Aufklärung zum Historismus**. Zum Strukturwandel des historischen Denkens, Paderborn ua, 1984.

HARDTWIG, Wolfgang. Die Krise des Geschichtsbewußtseins in Kaiserreich und Weimarer Republik und der Aufstieg des Nationalsozialismus. **Jahrbuch des Historischen Kollegs**, p. 47-75, 2001.

IGGERS, Georg G. **The German Conception of History: The National Tradition of Historical Thought from Herderto the Present**, rev. ed. Middletown, Conn, v. 3, 1983.

IGGERS, Georg G. Historicism: the history and meaning of the term. **Journal of the History of Ideas**, p. 129-152, 1995.

IGGERS, Georg. Commentson F. R. Ankersmit's Paper, "Historicism: An Attempt at Synthesis". **History and Theory**, Vol. 34, No. 3, pp. 162-167, 1995.

JAEGER, Friedrich; RÜSEN, Jörn. **Geschichte des Historismus: eine Einführung**. CH Beck, 1992.

KROL, Reinbert Arnout. **Het geweten van Duitsland: Friedrich Meinecke als pleitbezorger van het Duitse historisme**. Diss. University of Groningen, 2013.

KROL, Reibert. **Friedrich Meinecke's historicism: an attempt to go 'Beyond Historicism'?**, 2007. Disponível em <http://www.rug.nl/research/icog/research/dissertaties/summaries_20062007/krol?lang=en>. Acesso em 18: de abril de 2015.

MALERBA, J. (Org.). **Lições de História: da história científica à crítica da razão metódica no limiar do século XX**. 1. ed. Porto Alegre/Rio de Janeiro:

EdiPucrs/Editora FGV, 2013.

MARTINS, E. C. R. (Org.) ; ASSIS, A. A. O. (Org.) ; SILVA, L. S. D. (Org.) ; LEITE, R. L. (Org.) ; CALDAS, P. S. P. (Org.) ; ARAUJO, Valdei (Org.) ; MATA, Sérgio da (Org.) ; FERNANDES, Cássio S. (Org.) ; SCHEIDT, Deborah (Org.) . **A História pensada**. Teoria e método na historiografia europeia do século XIX. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MEGILL, Allan. "Why was there a crisis of historicism?" **History and Theory**, 36.3, 416-429, 1997.

MUHLACK, Ulrich. **Geschichtswissenschaft im Humanismus und in der Aufklärung**. Beck, v. 1, 1991.

NIPPERDEY, Thomas. Historismus und Historismuskritik heute. **Die Funktion der Geschichte in unserer Zeit**, hrsg. v. E. Jäckel u. E. Weymar, Stuttgart, p. 82-95, 1975.

OEXLE, Otto Gerhard. **Geschichtswissenschaft im Zeichen des Historismus: Studien zu Problemgeschichte n der Moderne**. Vandenhoeck & Ruprecht, 1996.

OEXLE, Otto Gerhard (Ed.). **Krise des Historismus, Krise der Wirklichkeit: Wissenschaft, Kunst und Literatur 1880-1932**. Vandenhoeck & Ruprecht, 2007.

PAUL, Herman. Tudo está estremecido: por que a filosofia da história floresce em tempos de crise? **Faces da história**, Assis-SP, v.1, nº2, p. 73-80, jul.-dez., 2014.

PAUL, Herman J. A collapse of trust: Reconceptualizing the crisis of historicism. **Journal of the Philosophy of History**, v. 2, n. 1, p. 63-82, 2008.

PAUL, Herman. "Hayden White and the Crisis of Historicism." In: ANKERSMIT, Frank; DOMANSKA, Ewa; KELLNER, Hans. **Re-figuring Hayden White**. Stanford: Stanford University Press, 2009.

PAUL, Herman. Who suffered from the Crisis of Historicism? A Dutch example. **History and Theory**, 49, 169-193, 2010.

REIS, J. C. . O Historicismo, a Redescoberta da História. **Locus** (Juiz de Fora), UFJF - Juiz de Fora, v. 8, n.1, p. 9-28, 2002.

REIS, J. C. . **História & Teoria**: Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

SCHOLTZ, Gunter. O problema do historicismo e as ciências do espírito no século XX. **História da Historiografia**, n. 6, p. 42-63, 2011.

TROELTSCH, Ernst. Die KrisisdesHistorismus. **Die neue Rundschau**, v. 33, n. 1922, p. 572-90, 1922.

VARELLA, Flávia F.; MOLLO, Helena M.; MATA, Sérgio R. da; ARAÚJO, Valdeci L. de. (Org.). **A dinâmica do Historicismo**. Revisitando a historiografia moderna. 1 ed. Belo Horizonte: Argumentum, 2008

WITTKAU, Annette. **Historismus**: zurGeschichtedesBegriffsunddesProblems. Vandenhoeck&Ruprecht, 1992.